

EM MATÉRIA de companhia e amizade, não há nada fora do reino animal que se compare a um rio. Tem vida, índole e voz próprias e é excelente camarada. Pode falar em vários tons, alto ou baixo, e de muitos assuntos, graves e alegres. Em condições favoráveis, pode até cantar. Na verdade, de tôdas as coisas inanimadas um rio é a melhor companhia.

Reconheço que é possível apresentar muito bons argumentos em favor do mar ou das montanhas. Mas, afinal de contas, o amor do mar é uma paixão intranquã, que carece de confôrto e segurança mútua. O mar é grande demais para ser amado, e muito incerto. Não se ajusta aos nossos pensamentos. A montanha, por outro lado, é muda

A Poesia dos Pequenos Rios



*Condensado de "Little Rivers", coleção de ensaios
de Henry Van Dyke sôbre a vida ao ar livre.*

COPYRIGHT © 1895 DE HENRY VAN DYKE

e imperturbável, e a sua própria grandiosidade nos torna às vezes ainda mais solitários.

As árvores parecem mais próximas da nossa vida. Estão muitas vezes enraizadas nos nossos sentimentos mais ricos, e as nossas mais doces recordações vão, como pássaros, aninhar-se nos seus galhos. Mas quando convido um amigo para compartilhar as minhas orações, ou vagueio sozinho para entregar-me ao luxo do pensamento sem esforço, os meus passos se dirigem, não para uma árvore, mas para as margens de um rio, porque ali os devaneios da solidão encontram um acompanhamento amistoso e o intercâmbio humano é purificado pela água murmurante. É junto a um rio que eu gostaria de amar, de reviver velhas amizades, de brincar com as crianças, de fugir de desejos vãos e egoístas e de limpar o espírito de todas as coisas falsas e insensatas que empanam a alegria de viver.

A vida de um rio, como a de um ser humano, consiste na união da alma e do corpo, da água e das margens. Vivem juntos. O rio modela e faz a margem, abrindo uma enseada aqui, fazendo uma ponta ali, atraindo os pequenos matos para perto do seu lado e fazendo curvarem-se sobre sua correnteza as árvores altas e esguias. A margem orienta e controla a corrente. Ora a faz dobrar-se numa centena de sinuosas curvas, ora a acelera em linha reta como uma abelha selvagem que volta para a colmeia. Aqui esconde a água numa

profunda garganta coberta de galhos; ali a faz estender-se como um espelho para refletir o céu e as nuvens.

Todo rio que corre tem alguma coisa digna de ser amada. Mas os rios que mais amamos são os que conhecemos melhor—o que passava diante da porta da casa paterna, aquêle em que nos aventuramos em nosso primeiro barco ou em cujas margens colhemos pela primeira vez a flor gêmea do amor juvenil. Acontece com os rios o mesmo que com as pessoas: os maiores nem sempre são os mais agradáveis. Pode-se imaginar companhia muito melhor para um passeio a pé do que Napoleão Bonaparte. Eu sou inteiramente pelos riosinhos.

Se uma lareira acesa é, como já se disse, o olho de uma sala, certamente um rio pode ser chamado a boca, o traço mais expressivo, de uma paisagem. Anima e dá vida a todo o cenário. Até uma viagem de estrada de ferro se torna suportável quando os trilhos correm ao lado de um rio. Aqui está um moinho com a sua roda lenta e gotejante, o tipo da indústria sonolenta; ali está uma cachoeira branca a espumear em silenciosa pantomima enquanto passa o trem chocalhante; e, mais adiante, uma comprida lagoa de água tranqüila, onde as vacas mergulham as patas até à metade na água e balançam as caudas numa calma indiferença pelo mundo que passa.

Os pequenos rios parecem ter a qualidade indefinível de certas pessoas no mundo—a faculdade de des-

pertar o interêsse pela sua simples presença e pela maneira de fazerem as coisas. A parte mais fascinante de uma cidade ou vila é aquela por onde corre água. Os que não têm o que fazer sempre escolhem uma ponte como local de meditação, quando a conseguem; não sendo assim, são vistos sempre sentados na beira de um cais com os pés suspensos sôbre a água. Mas a verdadeira maneira de conhecer um riozinho não é olhá-lo aqui e ali no decorrer de uma viagem apressada, nem travar conhecimento com êle depois de ter sido em parte prejudicado por um contato muito estreito com as obras humanas. Deve-se ir procurá-lo nos seus recessos nativos e seguir-lhe os meandros aonde quer que levem.

É essencial que se tenha prazer em ser guiado; deve-se aceitar o riozinho como guia, filósofo e amigo. Êle pode de fato mostrar melhor do que qualquer outro professor como a natureza produz os seus encantamentos com côr e música. Quando vai caindo a noite e o ar fica cheio de insetos para a sua última dança, a voz do riozinho se mostra mais forte e mais distinta. Nessa hora mística, ouvem-se as mais celestiais e emocionantes de tôdas as notas dos pássaros. Às vêzes, mas nem sempre, vê-se o cantor quando derrama tôda a alma num canto líquido e longo, em que as notas claras se elevam e caem, ecoando em intermináveis curvas sonoras.

Mas não é apenas com a vida dos pássaros e das flôres que os riozinhos

nos põem em contato. Levam-nos freqüentemente à familiaridade com a natureza humana em trajes caseiros, satisfeita na liberdade que permitem as roupas velhas ou até a ausência de roupas. E desde que os pequenos gestos dos homens são em geral mais interessantes do que as grandes atitudes, êles se mostram de maneira mais vantajosa quando estão inteiramente despreocupados do que quando se exibem. A melhor coisa de Charles Darwin que eu conheço é o seguinte trecho de uma carta que escreveu à espôsa: "Adormeci afinal sôbre a relva e acordei com um côro de pássaros que cantavam em tórno de mim, de esquilos que subiam correndo pela árvore e de alguns pica-paus que riam; era uma das cenas mais agradáveis e bucólicas que eu já vira; e pouco me interessava saber como qualquer daqueles pássaros ou animais fôra formado."

Não se exige de todos os homens e mulheres que sejam grandes ou façam alguma coisa grande; a maioria de nós deve contentar-se em desempenhar pequenos papéis no côro. Até aquêles a quem foi imposta a grandeza farão bem em aliviar-se do fardo de vez em quando e regozijar-se com o fato de não serem inteiramente responsáveis pela direção do Universo. Existe isso de se levar a si mesmo e ao mundo demasiado a sério. Metade da inquietação da sociedade moderna vem da idéia vã de que todo homem é obrigado a ser um crítico da vida e a não dei-

xar passar um dia sem que ache algum defeito na ordem geral das coisas e sem que projete algum plano para melhorá-la. É a outra metade vem da noção cobiçosa de que a vida de um homem consiste nas coisas que êle possui e que é, por algum motivo, mais respeitável e piedoso estar sempre a trabalhar para ganhar muito dinheiro do que deitar-se ao lado das águas calmas e dar graças a Deus por estar vivo.

Os riozinhos têm responsabilidades pequenas. Não se espera que forneçam cem mil cavalos de fôrça para uma cidade gigantesca. Basta que sigam um curso inofensivo e amável

e que conservem verdes os bosques e campos ao longo das suas margens. Quando se sai de canoa para explorar um dêsses rios menores, não se tem a intenção de fazer descobertas sensacionais ou de encontrar aventuras emocionantes. Flutua-se plàcidamente rio abaixo sem maior ambição do que encontrar um bom lugar para acampar antes do escurecer e passar agradavelmente as horas até lá. É uma disposição de ânimo agradável para quem fêz a sua parte de trabalho no mundo, e não há talvez nenhuma outra em que o espírito humano apareça em posição mais vantajosa aos olhos de Deus.



UM HOMEM de negócio de Chicago muitas vêzes parava num barzinho do outro lado da rua, defronte de uma estação de estrada de ferro. Não era um lugar elegante, em absoluto. Por isso, ficou surpreso quando, ao entrar para um seletto clube esportivo, encontrou o mesmo garçom no bar. Não pôde deixar de mencionar:

—Muito bem, John, você melhorou muito de vida.

John respondeu:

—Desculpe, cavalheiro, mas o senhor também!

—M. R.



Campo de Esportes

EXISTE num cemitério de cidade do interior uma pedra tumular erigida por um homem ainda vivo que quer ter certeza de que os pormenores cabíveis figurarão na pedra quando êle morrer. Ela contém o nome dêle, um espaço para a data da morte . . . e a inscrição "Fêz 300 pontos no boliche em 1962"

—C. H. Christenson, citado por Doyle K. Getter, em *Journal de Milwaukee*